Henrique Suso

Tratado Espiritual da União da Alma com Deus

Henrique Suso

Tratado da União da Alma com Deus

Tradução: Souza Campos, E. L. de
VALDEMAR TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2022

Tratado da união da alma com Deus.

Instruções dirigidas a uma religiosa

Henrique Suso

I
Como se deve purificar o intelecto e renunciar a si mesmo em Deus.

É preciso agora, minha cara irmã, que após os exercícios da vida ativa, você se aplique a coisas interiores mais diretamente úteis à sua salvação e que você se livre das consolações, das formas, das imagens perceptíveis e dos atos que são próprios dos iniciantes.

Siga meu conselho, minha cara irmã. Você adquiriu as forças e as asas da águia que vai alçar seu voo. Deixe o ninho das coisas corpóreas. Lance-se no meio das suas forças superiores até a altura da contemplação, onde está toda perfeição.

Você não vê que vida ativa é um deserto que conduz à terra prometida onde o mel e o leite correm em abundância, à pureza, à paz do coração que é o antegosto da vida bem-aventurada do céu?

Para atingir a região da luz e da contemplação, é preciso purificar seu entendimento. É preciso reportar ao louvor e à glória de Deus, ao triunfo da Igreja Católica, à paz, à salvação da humanidade, tudo o que você faz, tudo o que você vê fazer, todos os seus desejos, todos os seus pensamentos. É preciso viver na humildade e na man-

sidão perfeitas, para que você não possa jamais perturbar e ferir alguém com suas palavras ou suas ações.

Esta é a regra de uma religião bem compreendida, de uma santa prudência que convém à natureza, à razão, ao espírito e ao coração. A alma que a segue é digna de todo louvor. Ela é iluminada interiormente pelos raios calmos e divinos da verdade, como um belo céu todo resplandecente de estrelas.

Falta-se com a devida submissão a Deus quando se vive escravo de si mesmo. Faz-se muito bem querer se elevar à contemplação e pretender se aprofundar nos mistérios de Deus.

O amor-próprio faz com que a natureza seja sempre rebelde e que se obedeça às próprias paixões. É uma falsa luz aquela que brilha externamente, mas que não ilumina o coração. Aqueles que a possuem desprezam facilmente os outros. Eles não se parecem em nada com Jesus Cristo, mas eles se acreditam, no entanto, muito sábios nas coisas espirituais.

Dediques-se, eu insisto, ao estudo da vida interior. Ela consiste em uma renúncia e em um aniquilamento perfeitos de si mesmo em Deus e em uma união muito íntima da alma com a Divina Essência.

Eu quero lhe ensinar os três graus da renúncia e do aniquilamento. O primeiro consiste em perder sua essência e sua natureza, de sorte que não reste mais nada do seu ser, que desaparece como uma sombra fugidia. A alma não pode então se perder e se aniquilar. Ela

não é como o corpo, que pode ser reduzido a cinzas, porque ela é criada à imagem de Deus e da sua eternidade. Ela possui uma natureza racional e faculdades que a aproximam do Criador.

O segundo grau é um arrebatamento que acontece no tempo e no espaço e que as almas experimentam quando são arrastadas pela contemplação para a essência de Deus. Esta é a visão em que São Paulo foi erguido acima dele mesmo, acima de toda forma e de toda imagem. Mas este estado passa e dura pouco. São Paulo, ao retornar a ele mesmo, se viu o mesmo homem na mesma essência.

O terceiro grau é um aniquilamento moral do pensamento e da afeição, um tipo de renúncia infinita em Deus, pelo qual a alma se remete e se abandona de tal maneira nele que não tem mais conhecimento e vontade, mas que, em toda parte e sempre, ela obedece ao poder de Deus, que a guia segundo seu beneplácito, sem que ela perceba.

Essa renúncia não pode ser contínua nesta viva, nem tão completa e perfeita que a pessoa não se retome algumas vezes e não fraqueje, retornando a si mesma. É bom que ela se dê a Deus sinceramente, com a firme resolução de jamais retomar o que não é mais dela, já que se abandonou, se entregou, se aniquilou em Deus e em seu beneplácito.

A fragilidade da natureza humana faz com que a alma retorne, de tempos em tempos, aos seus desejos e à posse de sua vontade e que ela cometa faltas, por causa desse retorno a ela mesma.

Assim que a alma se apercebe disso, ela geme, ela suspira, ela chora, ela se lamenta por ter deixado assim sua renúncia. Ela reconhece sua miséria, se humilha profundamente perante Deus e se desapega novamente, tomando resoluções mais fortes e morrendo para ela mesma, para se transformar em Deus e não mais ofendê-lo.

O tanto de vezes que ela cai é o tanto de vezes que ela se arrepende e retorna a Deus, que a une novamente a ele e lhe devolve ao seu primeiro estado. A alma fica então toda mudada e toda transformada em Deus, que é *tudo em todos*[1].

II
Os preceitos relativos à vida unitiva.

Minha caríssima irmã em Jesus Cristo! Eu quero, para fazer com que avance na vida unitiva, lhe propor algumas regras espirituais que poderão ser de grande utilidade ao seu espírito e ao seu coração. Elas lhe ajudarão a se retirar cada vez mais da animalidade dos sentidos e a caminhar com grandes passos rumo à sua felicidade suprema.

[1] Coríntios 15: 28.

Que sua vida, que sua maneira de ser, seja tão interior quanto você puder. Não se mostre, não saia de você mesma com suas palavras, seus atos e seu comportamento. Empenhe-se, pelo contrário, em se fechar em você mesma e se mostrar quando a Verdade assim exigir e não a vaidade.

Em tudo o que lhe acontecer, não se preocupe muito com a assistência que lhe seria necessária e não tenha jamais, com você mesma, preocupações exageradas. Quanto mais se procura se livrar de um embaraço, menos se é ajudado pela Verdade e pela mão de Deus.

Quando você estiver com as pessoas, expulse do seu coração e do seu espírito tudo o que você ver e o que você ouvir. Recolha-se em você mesma, para estar inteiramente em Deus, que está presente. Isto é fácil a quem ama realmente Deus.

Tenha o cuidado de, em todas as suas ações, ser a razão e não os sentidos que dirija e triunfe. Quando os sentidos dominam o espírito, o mal tem suas entradas livres em nós.

Tenha cuidado para que o prazer não a engane e não a faça ouvir os sentidos e busque suas consolações em Deus e na Verdade. Deus não quer nos privar de todo prazer, mas ele deseja ser o único que nos consola na pureza dos seus inefáveis abraços.

A profunda submissão de uma humildade santa, o desprezo a você mesma e um conhecimento verdadeiro de suas baixezas a farão, não subir, mas a voar ao cume da união perfeita com Deus.

Quem deseja habitar dentro de si mesmo deve fugir da multidão e da diversidade, renunciando a tudo o que é estranho a Deus, nosso único bem, pois *uma só coisa é necessária*[2], disse Jesus Cristo a Maria Madalena. Onde a natureza se apoia nos sentidos e age para sua satisfação, só há cansaço, dor, perturbação e obscuridade da razão.

Não há felicidade maior do que viver unido estreitamente a Deus e ser guiado somente por ele em todas as coisas.

A vida verdadeira de uma alma que renunciou a si mesma em Deus é morrer para ela mesma.

Quando você ama alguém e se apega a essa imagem perceptível, você ama os acidentes e não a substância e isto é algo ruim.

Não se deve fugir das imagens santas até que elas mesmas passem. Muitas vezes, essas imagens devotas e boas nascem naturalmente no fundo da alma e não é a presença delas, mas a virtude que elas representam que se ama.

A partir do momento em que nos desapegamos de nós e de todas as coisas, ficamos unidos a Deus.

Quem sai de si mesmo, através dos sentidos, de uma maneira desordenada encontra cruzes nas coisas felizes ou contrárias.

Se você quer ser útil a todo mundo, desapegue-se de você mesma e dê-se a Deus.

---

[2] Lucas 10: 42.

Nas questões e circunstâncias difíceis, recolha-se logo a Deus e tudo lhe ficará claro e fácil.

Tema se distrair de maneira a se esquecer de suas muitas resoluções e do exemplo de Jesus Cristo.

A natureza sempre procura ela mesma. É preciso, por amor a Deus, submetê-la e mortificá-la.

Se você não quer encontrar e conservar em Deus a unidade e a simplicidade, é preciso suportar o fardo da multiplicidade.

Tenha o cuidado de se conservar livre e despida de toda imagem, de toda aparência, de todo pensamento, de toda afeição e de toda lembrança das coisas terrenas, como se só houvesse no mundo você mesma e então diga a Deus: “Meu Senhor e meu Mestre! Eu só posso ser para vós o que vós sois para mim”.

As pessoas, em sua maior parte, possuem uma natureza frouxa, rebelde, não mortificada. Elas querem sempre viver exteriormente e não percebem que correm os maiores perigos de pecar. Recolher-se a si mesmo dá mais força no perigo do que todas as coisas exteriores. Tome cuidado, pois uma desordem faz nascer outra.

Empenhe-se em não se deixar arrastar pela natureza e faça com que seu ser exterior esteja sempre em relações com seu ser interior. Cuide acima de tudo do seu interior, pois é dele que virá a união do exterior.

A renúncia perfeita em Deus exige que a natureza tenha um freio com o qual se possa moderá-la e impedi-la de sair dos seus limites. Eu sei que você lamenta por, na vida ativa, não ser sempre suficientemente resignada e suficientemente paciente. Mas não se desespere, pois você ganhará muito por ficar assim mortificada e obrigada a fazer o que você não deseja.

A raiz de todo vício e o obscurecimento de toda verdade vem do amor pelas coisas passageiras e fugidias. A morte dos sentidos, pelo contrário, é a fonte da luz e da verdade.

Quando as forças da alma perdem sua atividade própria e quando os elementos do corpo se purificam, nossas faculdades adquirem toda sua nobreza, porque elas retornam ao princípio delas que é Deus.

A essência e a atividade de todas as forças da alma só têm um objetivo que é satisfazer a Deus e se conformar à Eterna Verdade. Assim, nada é mais benéfico do que mergulhar na união com a natureza divina, que é pura e simples.

Muitos se sentem chamados e atraídos pela graça divina, mas eles não obedecem às suas inspirações, porque o interior deles e o exterior deles estão em grande desacordo.

A natureza está sujeita às decisões do livre arbítrio. Quanto mais a pessoa de divide pelos sentidos, mais ela vive longe de Deus.

Quanto mais ela se volta para ela mesma, mais ela se aproxima de Deus e mais ela lhe é agradável.

Aquele que a graça de Deus ilumina dirige seus sentidos com uma grande prudência e executa de maneira perfeita tudo o que deve fazer por meio dela.

Aquele que mortifica a natureza e que a mantém submissa nos limites do verdadeiro, logo a dirige como deseja e a faz executar com retidão e sem fraqueza as coisas exteriores. Aquele que, pelo contrário, se divide pelas coisas temporais, jamais poderá fazer algo de bom.

A pureza, o intelecto e a virtude aperfeiçoam e enriquecem a natureza.

Muitas vezes acontece de, ao lhe retirarem a felicidade e as consolações, as criaturas forçam a pessoa a se apegar a Deus mais santamente e mais intimamente.

O que é que estimula as pessoas a querer o que é proibido e a se comportarem de maneira culposa se não é o desejo pelo bem-estar? No entanto, a verdadeira felicidade está no abandono de si mesmo em Deus e não na posse do que se ama e do que se deseja.

Não é de se admirar que uma tristeza descontrolada se apodere tão frequentemente da alma, pois não ficamos atentos sobre nós mesmos o suficiente para evitar que nos desviemos.

A grande vitória dos amigos de Deus é serem cobertos por injúrias.

Permaneça em seu interior e se muitas coisas se apresentarem como necessárias, saiba que elas são mais estímulos da natureza do que necessidades indispensáveis.

Não é um erro pequeno, começar muitas coisas e não terminar nenhuma. É preciso sempre perseverar no que se propõe fazer, com correção e segundo Deus.

Tente, em seu comportamento, agir sem interesse e com pureza de intenção. Fuja dos motivos aparentes e enganadores.

Uma pessoa que renuncia verdadeiramente a si mesmo em Deus seguirá com cuidado estes quatro princípios: 1) em seu comportamento, ela será séria, honesta e previdente e todo bem que fará virá dela naturalmente; 2) ela será calma em seus sentidos e não procurará os ruídos, as novidades, os propósitos humanos, pois quem é ávido em saber e discutir o que se faz e o que se diz estará sempre cheio de ilusões, de imagens terrenas e jamais desfrutará do santo repouso; 3) ela não se apaixonará por nenhuma coisa criada, porque sempre estará convencida de que fora de Deus só há vaidade e nada mais; 4) não discutirá e não falará com ninguém, mas se mostrará cheia de afeto por todo mundo, sobretudo por aqueles pelos quais Deus quer prová-la e desapegá-la dela mesma.

Seja firme, constante e sempre interior, de maneira a agir exteriormente sem sair de você mesma. Examine-se com cuidado e veja se a amizade que você tem pelas pessoas virtuosas procede de algum afeto ou de algum prazer sensorial ou é de uma fonte simples e pura.

Não se dê muito a ninguém. Quem se dá muito, geralmente agrada pouco.

Você deve permanecer em você mesma e ter uma vida interior, se você não quer se desviar, como fazem aqueles que não seguem esta regra.

Feliz daquele que fala pouco, pois as palavras produzem acidentes, nuvens e perturbações interiores. Feche-se em você mesma e não saia sem um bom motivo. Sem isto, você só encontrará aborrecimentos e cruzes.

Muitos, por causa de uma graça sensorial, agem bem na prosperidade e na adversidade, mas jamais é permitido, na graça, buscar a si mesmo. Nossas ações só são perfeitas na submissão, na humildade e no desapego a si mesmo.

Foi quando Jesus Cristo, na cruz, se abandonou nas mãos do seu Pai que a obra de nossa redenção ficou perfeita. Ele disse então: *Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!*[3] Depois, ele disse: *Tudo está consumado*[4].

---

[3] Lucas 23: 46.
[4] João 19: 30.

Em uma pessoa imperfeita, que se escuta, Deus não está no mesmo plano que o demônio, pois Deus está longe e o demônio está próximo. Renuncie-se a você mesma e abandone-se inteiramente a Deus e você verá a diferença.

Que aquele que quer desfrutar de uma vida calma ame a adversidade como ele ama o sucesso e que ele permaneça igualmente unido a Deus em ambas as situações.

Aquele que é devoto exteriormente será mais devoto do que se fosse somente interiormente. Quando se unem estes dois tipos de devoção, desapega-se de si mesmo e só se busca Deus, com o corpo e com a alma.

Há muitos que buscam os prazeres do intelecto e há poucos que sejam simples e devotos de espírito. Os primeiros têm por objetivo principal compreender e saber. Os segundos, de se unir e se perder em Deus. Assim, não se embaraçam com as coisas deste mundo.

Que aquele que quer tudo ganhar se aniquile e se desfaça de si mesmo e de todas as coisas. Feliz daquele que persevera neste caminho! Com que facilidade ele poderá se elevar às coisas celestes!

Suporte com paciência e com alegria a queda de Adão e os sofrimentos e misérias que advieram dela, pois aquele que é verdadeiramente resignado não se deixa abater por nenhuma adversidade. Aquele que se queixa dos infortúnios da vida dá, pelo contrário, grande prova de imperfeição. Ele mostra que é escravo de uma liber-

dade descontrolada que o prende a ele mesmo e a todos os seus desejos.

Quem se livra de toda ocupação útil e razoável cai em uma ociosidade culposa.

Uma pessoa bem resignada deve ser livre das frivolidades e das imagens das criaturas. Ela deve imprimir Jesus Cristo em seu coração e se transformar em sua divindade.

Quem está morto para si mesmo e vive a vida de Jesus Cristo considera tudo bom e quer que cada coisa siga sua ordem natural ou divina.

Quem está recolhido em si mesmo percebe facilmente as próprias faltas à luz da Verdade. Ele sabe do amor descontrolado que tem pelas criaturas e os laços que o impedem de chegar à perfeição. Quando Deus o repreende interiormente, ele se faz humilde com docilidade. Ele reconhece que ainda não está livre das criaturas e de si mesmo e que ainda não renunciou a si mesmo e se aniquilou em Deus.

Se você me perguntar qual objetivo deve se propor uma alma bem resignada, eu lhe responderei: renunciar a si mesmo e morrer para si mesmo; resignar-se sempre e em todas as coisas, mesmo quando todo mundo foge dela e a abandona; a cada instante sua vontade deve se confundir com a de Deus e procurar menos tanto o que precisa quanto o que pode prescindir.

O amor-próprio e a vontade impedem mais a união com Deus do que faz somente o pensamento.

Quando a pessoa quer se recolher a ela mesma e se unir à Verdade, ela deve se erguer acima dos seus sentidos, para se transformar em Deus, examinar se há algum obstáculo que deve ser derrubado entre Deus e sua alma e, se ela não se procurar ainda em alguma coisa, ela desfrutará da divina essência, na luz da sua união e esquecerá tudo por ela. Quanto mais ela se afastar de si e das criaturas, mais ela viverá unida a Deus e mais será feliz.

Se você, minha cara irmã, deseja verdadeiramente renunciar a si mesma em Deus, abandone tudo que lhe pertence. Saia de você mesma, para se esconder e mergulhar em Deus. De qualquer maneira que Deus lhe trate, seja por ele mesmo, seja através das criaturas, na adversidade ou na prosperidade, seja sempre e em tudo fiel e submissa a Deus.

Feche seus sentidos para todas as imagens e para todas as formas das criaturas. Viva livre e desimpedida de tudo o que escolhe costumeiramente a razão sob a influência do amor-próprio, da vontade, da sensualidade e do prazer. Não se preocupe com nada fora de Deus.

Quando os outros se enganarem diante de você e praticarem o mal, não se comprometa com eles e não se ocupe com os defeitos deles.

Quem sempre habita em si mesmo adquire uma grande força contra toda ilusão.

Não tema, para o repouso do seu corpo, mudar de ocupação, mas permaneça livre de qualquer preferência.

Quanto mais você renunciar a você mesma e menos se apegar às criaturas, menos elas a perturbarão.

Um dos meus amigos, que não tinha ainda se abandonado completamente a Deus, ao sentir, uma vez, grandes dores, ouviu interiormente uma voz que lhe disse: "Quero que se dedique com cuidado a mim, que se despreze e que saiba que eu estarei unido a você quando você não prestar mais nenhuma atenção à maneira como for tratado".

Quando a pessoa resignada se recolhe a ela mesma, quanto mais ela se vê sem socorro e sem proteção, mais ela sofre. Mas também, quanto mais ela se exercita em morrer para ela mesma, mais ela triunfa facilmente sobre as dores.

Se você se dividir pelas coisas exteriores dos sentidos, você perturbará a vida interior e o fervor da sua alma. Não busque os assuntos e ocupações que distraem. Quando eles chegarem até você, fuja deles o máximo que puder e retorne imediatamente para o seu recolhimento, pois nos dispersamos naturalmente e é preciso voltar bem rápido para a intimidade do seu coração.

Quem renuncia e morre para si mesmo começa uma vida celeste e sobrenatural. Mas há os que se separam de Deus e não perseveram em sua união.

Ame a perfeita renúncia, abrace-a, pratique-a sem se permitir um só desejo. Os desejos que não são reprimidos impedem a união da alma e são um obstáculo secreto ao completo abandono.

Uma alma resignada é tão livre que não se ocupa jamais com ela mesma, porque ela vive em Deus, em quem tudo é santamente ordenado. Ela se esquece completamente, para pensar somente nele.

Uma conversão em que se renuncia a si mesmo agrada mais a Deus do que uma perseverança no bem em que não se desapega perfeitamente de si mesmo.

Afaste então sua alma dos sentidos exteriores e recolha-se a você mesma, eu lhe digo e repetirei sem cessar. Recolha-se a você mesma e à unidade divina, para desfrutar de Deus.

Persevere em sua renúncia com coragem e só fique satisfeita, na medida em que permitir a fragilidade humana, quando você conseguir a união eterna dos santos, que é sempre presente, atual e divina.

III
As alegrias que sente o espírito ao meditar sobre o que é Deus.

Você me propôs, minha caríssima irmã, questões muito elevadas, ao me perguntar o que é Deus, onde ele se encontra, como ele é uno e triplo.

Como Deus é um ser infinito, que ultrapassa todos os sentidos, toda razão, toda inteligência, eu não poderia lhe explicar o que você não compreende, mas eu lhe responderei de uma maneira muito imperfeita, muito indigna da majestade de Deus. Isto é o que lhe direi em poucas palavras.

Da ordem que reina na natureza, das causas segundas, do curso e do encadeamento de todas as coisas, os filósofos concluem que há, necessariamente, um princípio, um senhor de todo o universo, que nós chamamos de Deus. Ele é uma substância imortal, eterna, simples, sem dependência, sem mudança, sem corpo; um espírito que existe, cuja essência é a vida e a operação; uma inteligência ativa que, nela mesma e por ela mesma, concebe e penetra todas as coisas; uma essência divina que encontra nela mesma sua alegria e suas delícias; uma beatitude sobrenatural e perfeita, que é sua própria felicidade e que faz a felicidade de todos os bem-aventurados que a contemplam.

Aprenda a conhecer Deus através do espetáculo admirável do universo. Contemple a extensão dos céus, a beleza, o movimento rápido das estrelas e dos planetas, que são todos, exceto a lua, maiores do que a Terra!

Observe o esplendor e a fecundidade do sol. Quantas flores, ervas e plantas ele faz nascer. Que variedade surpreendente de animais, de peixes, de pássaros, de animais das florestas e de pessoas!

E, quando você tiver admirado essa grandeza, essa beleza, essa variedade do universo, diga a você mesma: "Se esse Deus onipotente é tão amável e tão bom nas criaturas, como ele deve ser amável, bom e perfeito nele mesmo!"

Depois, ao se unir a todas as criaturas que louvam e bendizem a imensidão divina que há nelas; ao admirar a Providência Suprema que conserva, alimenta e governa todas as criaturas, grandes ou pequenas, ricas ou pobres, com alegria no rosto e alegria no coração, louve-o, adore-o, abrace-o no fundo de sua alma e renda-lhe ações de graças, como ao único Senhor de todas as criaturas.

É desta maneira que você encontrará o Deus que você procura.

Dessa contemplação nascerá em seu coração uma alegria íntima superior, que lhe propiciará uma felicidade inefável.

Para lhe encorajar, vou lhe contar um segredo da minha alma, que jamais revelei a ninguém. Essa felicidade eu desfrutei por dez anos inteiros e esses anos me pareceram uma hora apenas.

Meu coração estava tão feliz que eu não podia encontrar uma palavra. Eu estava absorvido em Deus e na Eterna Sabedoria. Eu tinha, com meu Criador, conversas arrebatadoras em que somente meu espírito falava. Eu gemia, eu suspirava, eu chorava, eu ria. Parecia que eu tinha me elevado até o espaço, através do tempo e da eternidade e que nadava em um oceano de verdades admiráveis e divinas. Meu coração transbordava de tanta alegria que ele se partia em meu peito e eu levava as mãos a ele, para contê-lo, dizendo: "Ó coração! Como você está pulando hoje!" E uma vez eu vi que o coração do meu Pai celeste se dedicava ao meu coração de uma maneira inefável.

Sim, eu ouvi o coração de Deus, a Divina Sabedoria, sem forma e sem imagem, que me falava no fundo do meu coração e eu clamei, na embriaguez da minha alegria: "Ó meu bem-amado, meu único amor! Eis então que abraço, coração com coração, vossa própria Divindade! Ó meu Deus, mais amável do que tudo o que é amável! Quem ama permanece sempre, ao amar, distinto de quem ama, mas vós, doçura infinita do verdadeiro amor, vós vos espalhais como um perfume no coração daqueles que vos amam. Vós penetrais inteiramente na essência da alma deles. Não há mais nada de vós fora deles. Vós os abraçais divinamente e permaneceis unido a eles pelos laços de um amor infinito".

Eu lhe advirto, minha caríssima irmã, que essa alegria do coração não é o último e perfeito estado de uma alma. Ela é somente um apelo a uma união superior, a um abandono maior no oceano da divindade.

É preciso chegar, do arrebatamento habitual, ao arrebatamento essencial. O arrebatamento essencial é aquele em que a pessoa, fortalecida na virtude e na perfeição, desfruta sempre do seu bem-amado, assim como o sol conserva nele mesmo seu esplendor.

O arrebatamento habitual é aquele da pessoa cuja virtude é imperfeita e sujeita a mudanças como a luz da lua. Nessa alegria da graça divina, ela se desvia algumas vezes, porque gostaria de possuí-la sempre. Quando a consolação está presente, ela se rejubila, mas, quando ela a perde, ela se lamenta. Quando ela sente sua doçura, isto é independente da vontade dela e é, por assim dizer, forçosamente que ela se dedica a outras coisas, mesmo quando a vontade de Deus, o amor ou o dever exigem.

Eu me lembro de que me recusei a confessar, uma vez, uma pobre alma aflita que havia me procurado. Eu mal disse ao porteiro que me chamava: “Diga a essa pessoa para procurar outro, porque não posso ouvi-la”, pois a felicidade da graça divina que eu desfrutava através da contemplação desaparecera subitamente e meu coração se endurecera como um rochedo.

Eu me espantei com isto e perguntei a razão disto a Deus, que me respondeu interiormente: “Assim como você abandonou essa pobre alma aflita e a mandou embora sem uma consolação, eu o abandonei subitamente e lhe retirei a doçura da minha graça e a alegria da minha consolação”.

Eu me pus então a chorar e a bater em meu peito e corri à porta para chamar a pessoa que ia embora. Depois de tê-la confessado e consolado, eu retornei à meditação em minha cela e Deus, que é a própria bondade, achou por bem me devolver a alegria que eu havia perdido por falta de complacência e de renúncia.

É verdade, minha irmã, que essa alegria é comprada com muitas cruzes, mas, quando Deus quer, essas cruzes terminam e a alegria permanece profunda e quase inalterável.

IV
A imensidão incompreensível de Deus.

Você quer saber agora, minha cara irmã, onde está Deus. Saiba que ele não está em nenhum lugar determinado, que ele está em toda parte e é tudo em todas as coisas.

Assim, ele é chamado de o Ser primeiro por essência. Aplique seu espírito a essa divina essência, puríssima e simplicíssima, livre de toda forma aparente e de todo acidente, sem mistura de não-ser e fonte primeira de todo ser.

Depois, observe esta ou aquela substância, todas as naturezas particulares que podem ser divididas ou ao menos separadas de seus acidentes pelo intelecto, todos os seres que podem receber uma forma aparente acidental e que não são simples, mas compostos.

Você compreenderá então que a Divina Substância, nela mesma, é uma essência puríssima, que está em todas as essências particulares e que as conserva com sua presença.

Somos muito insensatos por não pensarmos nessa presença íntima de Deus em todas as suas criaturas. Pense na miséria e na cegueira da pessoa que não pode sentir e compreender a Divina Essência, sem a qual, no entanto, ela não pode ser, nem compreender e nem agir.

Quando o olho do corpo olha cores diferentes, ele não vê a luz por meio da qual ele vê todas as coisas, ou, se ele a vê, ele não a observa, não a nota. Da mesma forma, o olho da nossa mente, quando se aplica às substâncias particulares, não vê, não percebe, não nota a Divina Essência, que está, em todas as naturezas, acima de todas as naturezas e que lhe dá o ser, a ação, a compreensão de todo bem.

Isto não é de se admirar, porque as substâncias particulares e divisíveis distraem e cegam nossa mente, que não pode penetrar essa divina obscuridade onde está a própria luz.

Coragem então, minha caríssima irmã, que a visão interior da sua alma se una a essa essência infinita de Deus e contemple sua

simplicidade e pureza. Você compreenderá então que ela não depende de nenhum princípio; que ela não tem nada que a preceda ou suceda; que ela não admite acidente e nem mudança; mas que ela é uma substância simples, atual, presente, perfeita, na qual não se pode encontrar lacuna, nem defeito, nem acidente, nem alteração, sendo absolutamente única e perfeitamente simples.

Isto é tão verdadeiro que os intelectos esclarecidos só podem ver, fora dela, consequências e efeitos, pois, sendo a essência simples, é preciso que ela seja primeira, independente, eterna. Sendo primeira, independente e eterna, é necessário reconhecer que ela está sempre presente, é sempre perfeita e que não se pode acrescentar nada a ela e nem retirar.

Se você puder compreender um pouco do que lhe digo, você se sentirá algumas vezes iniciada na luz incompreensível dessa verdade divina e oculta. Você conhecerá essa fonte do ser puro e simples e que é a causa primeira e eficaz de todas as coisas criadas e que, em virtude de sua presença, é o começo e o fim do que é feito no tempo. Ela é tudo, dentro e fora de tudo, pois Deus é como um círculo, cujo centro está em toda parte e a circunferência e o limite estão em lugar algum[5].

---

[5] *Totum enim est intra omnia, totum extra omnia. Deus enim est velut circulus quidam, cujus centrum ubique est et circumferentia et ambitus nusquam.*

V
O mistério da Santíssima Trindade.

Dedique-se agora, minha caríssima irmã, ao mistério da Santíssima Trindade. Quanto mais uma essência é simples nela mesma, mais ela é forte e divina na eficácia de sua virtude e da sua operação.

Assim, em Deus, que é o Soberano Bem, sua infinita bondade o leva a não permanecer sozinho em sua beatitude e a se comunicar, interna e externamente a ele mesmo e, como ele é o Supremo Bem, presente, íntimo, substancial, independente, infinito e perfeito, é necessário que ele se comunique, de uma maneira superior e completa, ao exterior dele mesmo.

A criatura não pode se comunicar por substância e por essência, mas somente por parte, porque ela é uma substância particular, divisível e finita. Mas Deus, que ultrapassa infinitamente toda comunicação da criatura, se comunica em essência, de uma maneira que, à sua infinita e íntima comunicação, responda sua própria substância, que é comunicada com distinção de pessoa.

Contemple então a bondade infinita do Soberano Bem, que, em sua essência, é o princípio natural do seu intelecto e do seu amor e você conhecerá a geração sublime das Pessoas divinas em Deus. Você adorará a Trindade Santa __ o Pai, o Filho e o Espírito Santo __, mas, como essa comunicação nasce da suprema bondade de Deus, é preciso que, na Trindade Santa, ela seja estreita, cosubstancial, com

igualdade e identidade de essência e que as Pessoas divinas, em sua bem-aventurada e íntima comunicação, tenham a mesma substância indivisível e inseparável pela virtude e o poder.

O Pai, na divindade, é o princípio do Filho e do Espírito Santo. Ele se comunica ao Verbo Inefável, que é o Filho do Pai eterno e, como ele se comunica, com todo o ardor de sua vontade, ao Filho, o Filho retorna ao Pai com o mesmo amor.

Deus Pai ama o Filho, o Filho ama o Pai e esse amor recíproco é o Espírito Santo. É assim que se expressam, sobre a Trindade, Santo Agostinho e São Dionísio.

Mas, nosso doutor angélico, São Tomás, diz que nessa emanação do Verbo do coração do Pai, é necessário que Deus Pai examine com seu intelecto e compreenda seu ser e sua divina essência. Sem isto, o Verbo, que ele concebe, não seria Deus, mas criatura, o que ele não é. Mas, como ele compreende a ele mesmo, o Verbo é Deus de Deus e a contemplação da divina essência pelo intelecto do Pai leva a uma igualdade positiva da essência natural. Não fosse assim, o Verbo não seria o Filho do Pai e assim, em Deus há a unidade de essência e a Trindade das Pessoas.

Deus Pai, se conhecendo claramente pelo intelecto, expressa a ele mesmo e seu Verbo expresso é o Filho do Pai e, como o Pai, conhecendo, em sua felicidade, sua perfeita essência, sente um amor infinito por ele mesmo e por seu Filho, o Filho ama com o mesmo

amor o Pai e esse amor recíproco e infinito é o Espírito Santo, distinto em Pessoa, mas um só Deus com o Pai e o Filho, em essência.

A primeira comunicação, porque vem do intelecto e dá a mesma natureza, é chamada de geração. A segunda, vindo da vontade e do amor, é chamada de procissão.

Assim, o Espírito Santo, procedente de uma efusão do amor do Pai e do Verbo, sendo um abismo infinito e imagem perfeita, não pode ser chamado de gerado, já que ele procede.

É esse amor intelectual e espiritual que reside na vontade como um apego, um impulso divino. Ele é o nó, o laço de amor entre quem ama e quem é amado e, assim, a emanação da vontade divina pertence à terceira Pessoa, que é amor e que se chama Espírito Santo. É nele que são transformados aqueles que amam a Deus e que são atraídos para sua luz de uma maneira tão profunda que só se sabe, que só se compreende ao se experimentar.

Venha, minha caríssima irmã, a esse Deus triplo e uno; o Primeiro, o Altíssimo, o Onipotente. Mas venha a ele sem mácula, sem interesse, com um amor puro, pois, para os pecadores, ele é um Deus terrível. Para aqueles que o servem com a esperança de uma recompensa, ele é um Deus liberal, mas onipotente e majestoso. Para aqueles que expulsam todo medo servil e que o amam com um amor puro, ele é um amigo terno e devotado, um irmão, um esposo.

É preciso, para se unir a ele, preparar sua mente e seu corpo. É preciso renunciar à sua carne, aos prazeres sensoriais, à animalidade da sua natureza, se submeter fortemente ao espírito, lhe submeter seus sentidos e agir sempre no recolhimento e na prece.

Este é o meio de chegar ao Espírito Superior que é Deus e de se unir a ele. Então, você sentirá que esse Espírito Divino a inspira, a chama, a convida, a atrai. Ele a esclarecerá sobre sua incompreensibilidade.

Quando você sentir que não pode apreendê-lo, você se despirá de você mesma. O conhecimento da sua incapacidade, da sua fraqueza a fará renunciar e morrer para você mesma e você se resignará, se abandonará com todo seu coração em Deus e em sua virtude.

Você se desprezará, você se odiará para se jogar com uma amorosa confiança em Deus e você se sepultará nele. Você se esquecerá e você se perderá inteiramente, não quanto à essência do seu espírito, mas quanto aos prazeres sensoriais e à propriedade do seu corpo e da sua alma e, quando você tiver se erguido e mergulhado assim na imensidão da essência divina, você estará unida e transformada em um só espírito com Deus e você dirá, como São Paulo: *Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim*[6].

---

[6] Gálatas 2: 20.

VI
O último grau da união com Deus.

Minha caríssima irmã! A alma que, pela imitação, está com Jesus Cristo moribundo na cruz pode também se encontrar com ele nas profundezas de sua divindade, já que lhe foi feita esta promessa: *Onde eu estiver, estará ali também o meu ministro*[7].

O primeiro encontro é rude e austero; há sangue e cruz. Mas o segundo é cheio de alegria e de felicidade. O espírito perde nele sua atividade e desaparece no oceano da divina essência e esta é justamente sua salvação e sua felicidade.

Mas saiba que a divina essência, em sua unidade, é a origem da emanação íntima das Pessoas que, na divindade, não são separadas, mas formam sua unidade essencial, sua natureza e sua substância.

Assim, a Trindade das Pessoas está na unidade de natureza e a unidade de natureza está na Trindade. E, como as Pessoas divinas compreendem e abraçam a essência divina com a unidade e a substância natural, cada uma das Pessoas é Deus. Mas, como a Trindade é uma mesma essência na unidade da natureza divina e tudo vem da unidade, este é um mistério inefável, incompreensível em sua profundeza e em sua simplicidade infinita.

Nessa essência divina, onde as três Pessoas são uma mesma natureza sem diversidade, estão também todas as criaturas, segundo seu

[7] João 12: 26.

ideal eterno, em sua forma essencial, mas não acidental. Elas são Deus em Deus. É a criação no tempo que lhes dá sua natureza particular e as distingue de Deus.

O espírito das pessoas perfeitas pode se elevar até esse abismo da divindade, a esse oceano de inteligibilidade. Ele pode mergulhar nele e nadar nas profundezas incompreensíveis da divina essência e lá, livre de qualquer pensamento vulgar, permanecer imóvel na intimidade da divindade.

A pessoa então despe a obscuridade de sua luz natural e veste uma luz superior. Deus a atrai para a simplicidade de sua unidade, onde ela se perde para se transformar em Deus, não por natureza, mas pela graça e, nesse infinito mar de luz que a rodeia, ela desfruta de um silêncio que é a paz e a felicidade perfeitas.

Ela compreende o nada eterno que é a essência divina e incompreensível. O nada que é chamado de nada porque não há nada nele das coisas criadas e porque o espírito humano não pode encontrar nenhuma criatura que possa contê-lo. Ela vê que esse nada ultrapassa toda compreensão e que ele é incompreensível para todos.

Quando o espírito começa a se fixar nas trevas da luz, ele perde toda propriedade de si mesmo, toda ação. Ele não se conhece mais, porque está absorvido, sepultado em Deus. E como, a essa altura da contemplação, ele recebe, em sua pura substância, uma luz que é

irradiada da divina essência e da Trindade das Pessoas, seu espírito se perde nesses esplendores.

Ele morre para ele mesmo e, com o emprego de suas forças e de suas faculdades, ele é arrebatado e como que disseminado em uma ignorância divina. Ele é absorvido pelo silêncio inefável da luz infinita e da unidade suprema. Este é o ponto mais elevado que pode atingir o espírito humano.

São Dionísio Areopagita chama este estado de: “a altura desconhecida e luminosa, as trevas profundas de um esplendor magnífico, o raio da obscuridade divina”, porque a alma se une nele à divina essência e porque, nesse oceano de luz, ela a vê, a contempla e a possui.

O que ela compreende em seu arrebatamento é que o infinito ultrapassa sua razão e que ele permanece desconhecido a todos os intelectos. Mas, esse desconhecido, ela desfruta através da obscuridade e das trevas de uma luz que lhe desvela a imensidade e a incompreensibilidade de Deus.

São Dionísio Areopagita escreve ao seu Timóteo, no primeiro capítulo da sua **Teologia Mística**: “Você, meu caríssimo Timóteo, dedique-se com ardor às contemplações místicas. Deixe, por elas, seus pensamentos, sua razão, as coisas perceptíveis e inteligíveis, tudo o que é e o que não é e faça seus esforços para perder a si mesmo, para se unir Àquele que está acima de toda substância e de todo

conhecimento. Quando você tiver se livrado de tudo, você voará para o raio substancial do mistério, para a altura luminosa e desconhecida, para a obscuridade puríssima onde as trevas se escondem".

VII
Como a alma se eleva gradualmente e se transforma em Deus.

Essa união sublime com Deus é uma obrigação para você, minha cara irmã, por causa do princípio do qual você depende. Eu lhe disse que, no impenetrável abismo da natureza divina, o Pai gera o Verbo, que, quanto à essência, permanece o mesmo Deus que o Pai, como se do ser íntimo do ser humano saísse uma forma semelhante a ele que retornaria sem cessar à sua origem.

Essa geração espiritual do Verbo é o motivo, a razão perfeita de produzir e de criar todos os espíritos, todas as almas, todas as criaturas.

O espírito supremo que é Deus eleva o ser humano em sua criação ao iluminá-lo com uma luz divina e com um intelecto feito à sua imagem, para que ele retorne a Deus. Mas a maior parte das pessoas despreza essa luz, aviltando a dignidade de suas almas, obscurecendo sua divina semelhança e se abandonando aos prazeres culposos do mundo. Elas vivem nos prazeres da carne e perseguem com ardor a

satisfação dos seus sentidos, até que a morte, na qual não pensam, as derruba, as reduz a pó e as faz desaparecer.

Os sábios e os prudentes, pelo contrário, seguem a estrela brilhante e divina de suas almas e se apegam ao que é estável, ao que é sua origem. Eles renunciam aos prazeres dos sentidos, a todas as criaturas passageiras e se unem com ardor à Eterna Verdade.

Estes são, em poucas palavras, os graus pelos quais a alma deve retonar à união com Deus, que a criou.

Preste bem atenção às minhas palavras. É preciso primeiro que a alma se purifique de todos os seus vícios e se separe generosamente de todos os prazeres do mundo, para se apegar a Deus com preces contínuas, com seu isolamento de todas as criaturas e com santos exercícios que submetem sem cessar a carne ao espírito. Ela deve se oferecer, voluntariamente e com coragem, às dores e às provações inúmeras que podem lhe vir de Deus ou das criaturas.

É preciso em seguida imprimir em seu coração a Paixão de Jesus Cristo crucificado, gravar em seu espírito a doçura dos seus preceitos evangélicos, sua humildade profunda e a pureza de sua vida, para amá-lo e imitá-lo, pois é na companhia de Jesus que se pode ir além e chegar à vida unitiva.

Para entrar nessa vida, é preciso deixar toda ocupação exterior, se fechar em uma paz silenciosa do espírito, se resignar tanto em Deus que se fica completamente e para sempre morto para si mesmo

e para as próprias vontades; amar acima de tudo a honra de Jesus Cristo e a de seu Pai e ter o maior afeto possível a todas as pessoas, sejam amigas ou inimigas.

A pessoa que era inicialmente, na vida ativa, toda ocupada com os sentidos exteriores deixa essas operações para se dedicar aos exercícios interiores de uma simples contemplação e então o espírito pouco a pouco chega a um abandono das faculdades naturais do seu intelecto e de sua vontade. Ela começa a experimentar interiormente uma segurança sobrenatural e divina que a leva a uma perfeição mais elevada, sendo seu espírito libertado de toda afeição própria e de toda atividade natural do intelecto e da vontade.

Nesse estado perfeito, a alma, livre do peso das suas imperfeições, se eleva pela graça divina a uma luz interior onde ela desfruta sem cessar da abundância das consolações celestes e onde ela aprende a conhecer com sabedoria e a executar com prudência tudo o que pedem a razão e Deus.

Então o espírito é arrebatado, além do tempo e do espaço, a uma doce e amorosa contemplação de Deus. Mas este não é o grau mais elevado, porque ele ainda se distingue de Deus e ainda conhece as criaturas por suas naturezas particulares.

Quem sabe se desapegar mais de si mesmo e penetrar mais intimamente em Deus experimenta um arrebatamento divino, não por sua própria virtude, mas por uma graça superior que arrasta seu espí-

rito criado para o espírito incriado de Deus e o faz desfrutar do êxtase santo de São Paulo e dos outros santos mencionados por São Bernardo.

Nesse estado, a alma não conhece mais formas, imagens, multiplicidade. Ela está no esquecimento dela mesma, na ignorância dela mesma e de todas as criaturas, porque ela só vê, só conhece, só sente Deus e isto, sem nenhum esforço, sem nenhuma dedicação, somente atraída por Deus e, confundida com ele por sua graça, ela se eleva acima dela mesma e fica absorvida e sepultada no abismo da divindade, onde ela desfruta de todas as delícias da beatitude.

Mas, infelizmente, minha cara irmã, todas as minhas palavras não passam de figuras e imagens tão desproporcionais com a união sublime, misteriosa, acima de toda comparação quanto o sol é diferente da obscuridade da noite.

A religiosa que recebeu estas instruções do bem-aventurado Henrique chegou à graça da renúncia perfeita e da união com Deus e morreu, cheia de virtudes, neste estado. Ela apareceu pouco tempo depois ao bem-aventurado, com uma veste mais branca do que a neve, toda resplandecente de luz e toda radiante com as alegrias celestes. Ela o fez compreender o quanto ela tinha vivido feliz e absorvida

na essência divina do Deus triplo e uno, a quem pertencem a honra e a glória.

Assim seja.

Créditos

Título original: *Traité de l’union de l’âme avec Dieu*.

Traduzido de: Henri Suso, *Œuvres.* Paris, Librairie de Poussielgue-Rusand, 1813, por: Souza Campos, E. L. de

Índice